

DESNUDEZ UIVANTE, DE MARMELO E SILVA: UM INFERNO FEMININO NUM ÉDEN PORTUGUÊS

DESNUDEZ UIVANTE BY MARMELO E SILVA:
A FEMALE HELL IN A PORTUGUESE EDEN

Cristina Costa Vieira

Centro de Literatura Portuguesa

Universidade da Beira Interior

RESUMO

A Madeira, conhecida pelo alferes José Marmelo e Silva aquando de um Portugal pretensamente neutral ao tempo da II Guerra Mundial, escondia debaixo da antonomásia *Pérola do Atlântico* infernos sobremaneira agónicos para o género feminino. Essa realidade acaba por ser ficcionalmente transposta para diversas personagens de *Desnudez Uivante*, sejam elas órfãs asiladas, pequenitas de bairros pobres, expostas a todo o tipo de miséria, criadas de um *Eden-Hotel*, prostitutas e até mulheres de oficiais, numa inquietante denúncia, através da focalização do narrador autodiegético, alferes José Luís Jordão, *alter ego* do Autor. Personagem não isenta de peca-dilhos, a sua aguda consciência social desnuda uivos femininos em vez de os abafar. Analisam-se, pois, infernos privados femininos ocorridos num pretenso Paraíso terreal.

Palavras-chave: Marmelo e Silva, *Desnudez Uivante*, romance, Madeira, paraíso, inferno, condição feminina

ABSTRACT

Madeira, the Portuguese island that second lieutenant José Marmelo e Silva knew when Portugal was supposedly neutral during part of II World War, hid behind the epithet *Pearl of the Atlantic* a particularly agonizing hell for

women. This reality is fictionally transposed to *Desnudez Uivante* where some of the female characters are asylum-seeking orphans, poor children exposed to all kinds of misery, maids from the *Eden-Hotel*, prostitutes and even officers' wives, in a disturbing denunciation carried out through the literary point of view of the autodiegetic narrator, lieutenant José Luís Jordão, the Author's *alter ego*. A character not exempt from peccadillos, his keen social conscience exposes female lamentations rather than burying them. In this study, we analyze these private female hells that occurred in a so-called earthly Paradise.

Keywords: Marmelo e Silva, *Desnudez Uivante*, novel, Madeira, paradise, hell, female condition

1. RELAÇÃO DE MARMELO E SILVA COM UMA PRETENSA MADEIRA EDÊNICA

Desnudez Uivante, romance publicado em 1983 pela portuense Lumiar, constitui a última obra literária de José Marmelo e Silva (1911-1991).¹ O título remete para o erotismo da desnudez de várias personagens, mormente femininas, e significa, em concomitância, o desmascaramento de infernos uivantes circunscritos ao pretense Jardim das Delícias que é a Madeira, *Pérola do Atlântico* isolada geográfica e politicamente no Oceano e na política de neutralidade de Salazar ao tempo da II Guerra Mundial, e onde corpos desnudos não andam, afinal, em inocente despreocupação no meio de plácida natureza, em contraponto à imagética do Éden genesíaco ou de ilhas paradisíacas criadas pela literatura ocidental, como a de Calíope

1 A "Cronologia biográfica" deste Autor, rigorosa e de consulta fácil, foi realizada por Maria Manuela Morais Silva in *Obra Completa de José Marmelo e Silva: Não aceitei a ortodoxia* (2002: 749-759). Para um estudo mais completo, vide a *Fotobiografia* organizada por Arnaldo Saraiva (2011).

e a dos Feaces na *Odisseia* ou a ilha dos Amores n'Os *Lusíadas*. A Madeira, claramente referenciada na narrativa através de topónimos como “Funchal” ou “Machico”, estabelece ao longo da narrativa um ambíguo movimento pendular de aproximação e de afastamento desse imagotipo. Afirma a este propósito Maria da Glória Padrão: “para os olhos do continente, o centro é justamente a ilha, o terreno excluído do nome ‘paraíso’” (Padrão, 2006: 71). Na tessitura romanesca, este imagotipo é materializado (e afastado) de forma explícita por via da expressão metafórica “*Paradise Lost*”, logo no capítulo I, sendo o Éden não apenas metáfora mas também designativo de um espaço físico, o *Eden-Hotel* (Silva, 2002: I, 583),² isolado no Planalto da Madeira, e onde trabalham Aninhas e Gracindinha, “pau para toda a colher do dono da pensão” (Vieira, 2008a: 101), Heliodoro Bandeira, sendo aquelas personagens femininas valorativamente metaforizadas pelo narrador-protagonista, alferes José Luís Jordão, através da expressão “Evas deste paraíso perdido” (Silva, 2002: VII, 616). O *Eden-Hotel* torna-se, pois, uma espécie de sinédoque desta Madeira onde as personagens masculinas provocam a queda da felicidade feminina, desnudada ao longo do romance com uma intensidade uivante, devido à castração dos impulsos sexuais imposta pelos espaços físicos, sociais ou psicológicos em que se enquadram ou com os quais se cruzam: a miséria e a ignorância, o exército, o orfanato, a instituição familiar salazarista e um Hotel que de Éden só tem o nome (cf. Vieira, 2008a; Vieira, 2014; Saraiva, 2011: 3, 10 e 30-31).

Assim, o *incipit* de *Desnudez Uivante* faz uma sumária descrição do referencial planalto madeirense onde está acantonado o I Batalhão

2 Tomamos por referência neste ensaio a *Obra Completa de José Marmelo e Silva. Não Aceitei a Ortodoxia*, editada em 2002 por Maria de Fátima Marinho. Para facilitar o confronto com outras edições, indicamos os capítulos de *Desnudez Uivante* em numeração romana, e as páginas, em algarismos árabes.

de Infantaria em plena II Guerra Mundial, numa focalização retrospectiva desencantada do protagonista, que para aí fora destacado:

O pesadelo era a nuvem, o planalto, o leito visceral, do leito à nuvem, o verde luz da vegetação, musgo ou floresta, tudo a nuvem enrodilha nos seus cabelos tépidos, incestuosos. § Céu negro. Temperatura morna pegajosa. Solidão de mundo ausente. Nem pássaro dentro, nem besouro álaçre. § Face que outra face oculta. § Assim escorrem os dias, as noites, a corrupção, a insídia... (Silva, 2002: I, 575).

A narrativa começa, pois, em tom dantesco. Logo a seguir, o narrador-protagonista confirma a imagética de um paraíso perdido por falha humana. Além de lamentar a frieza da sua guia de marcha, descreve e define a Madeira em tons pouco elogiosos:

Na guia escreveram: *Planalto militar. Transport. car. C.B.-1*. Só isto. § Endereço? Mercadoria? § Despacharam-me. § Do Funchal a Machico, nada de maravilhoso, nada de imprevisível. (Ou seria torpor dos meus sentidos?) Alguma singularidade tropical mais viva tentou-me a associar-lhe generosamente Milton, *Paradise Lost*. A Madeira é uma possessão inglesa. Ilha *perdida*? (Silva, 2002: I, 576).

O protagonista-narrador já tivera esta impressão quando, em conversa com Madre Yolanda, a responsável pelo Asilo de Santa Úrsula, lhe confessa haver feito havia cinco anos um cruzeiro, na condição de estudante coimbrão, até esse “éden acabado de criar”, mas sem *perder* “a noção do real”:

– Há cinco anos, num cruzeiro com a Tuna Académica de Coimbra, sim. Uma alegria infinita. Fruíamos o espanto triunfal dos velhos descobridores: mundo exótico, novo, num estado de pureza virginal. Como

provindos de uma outra galáxia, rodeavam-nos de admiração, de gentilezas excessivas – bailes sumptuosos em nossa honra, moças de uma doçura que não há, rendidas! Passeios pela ilha que assombravam, o Continente envelhecera para nós milhões de anos. Cortes verticais de grande altura (lembro os seiscentos metros no cabo Girão e as cabri-nhas encarrapitadas na face a pique) abismos cavados entre montanhas, picos nevados agulhando o céu, cabeleiras de água ondulantes, rios de flores na cidade... Em suma, um Éden acabado de criar. Mas não perdíamos a noção do real. No percurso de tantas maravilhas, as lágrimas da gente que nos olhava da porta das cabanas... (Silva, 2002: IV, 592)

Por outro lado, no capítulo VII, alferes José Luís Jordão é focado a frequentar o bar do *Eden-Hotel*, à semelhança de outros militares, onde conversa com as criadas Aninhas e Gracindinha para se inteirar das suas condições de vida. Elogia-as, na sequência, com a seguinte definição metafórica: “– São as Evas deste paraíso perdido.” (Silva, 2002: VII, 616). Mais adiante, no capítulo XVII, o narrador-protagônista, a meio das investigações de que tinha sido encarregado, descobre que o *Eden-Hotel* esconde podridões antes insuspeitadas:

Saí dali atordoado e decidido a romper o bloqueio que me importunava – o major no apartamento. E caminhei ouvindo *basta!* até ao sobressalto duma dúvida: “O Bandeira escrivão manga de alpaca dono do *Eden-Hotel*? *Hum!*” § E o major? Que pensaria da ignomínia? Que posição iria tomar? (Silva, 2002: XVII, 679).

O exotismo paisagístico da Madeira não engana, por conseguinte, a lucidez e o humanismo do narrador autodiegético, nem quando fora tuno, nem agora, regressado à ilha na condição de alferes, mais experiente, nela descobrindo e denunciando ou tentando minorar, conforme pode, os infernos gerados pelos sistemas militar, freirático

e patronal, de que as principais vítimas, ainda que não em exclusivo, pertencem ao género feminino. A Madeira é, pois, a *Paradise Lost*, aludindo à epopeia de Milton, evocada pelo culto alferes Luís Jordão. Todavia, o romance problematiza a simples dualidade homem explorador – mulher vítima: veremos que também há aqui Evas tentadoras.

Desde logo, a esta temática subjaz um autobiografismo de valor testemunhal, implícito ao texto, pois Marmelo e Silva conhecera bem a Madeira. Três vezes lá estivera o Autor, a primeira integrado numa tuna coimbrã, nos anos 30, a segunda, enquanto alferes, recebendo a ordem de embarque em 1943, a terceira, enquanto professor e proprietário de um colégio no Funchal, em 1946, aí permanecendo, já casado, até junho de 1947, como podemos constatar nas biografias do Autor (Silva, 2002: 753; Saraiva, 2011: 72).

Cotejem-se os passos romanescos acima citados com dois trechos da *Fotobiografia de Marmelo e Silva*, da autoria de Arnaldo Saraiva:

Alferes miliciano, José Marmelo e Silva, já em tempos de conflito mundial, recebeu ordem de marcha do Ministério da Guerra para o Comando do 2.º Batalhão de Infantaria – Regimento de Infantaria n.º 19, na ilha da Madeira, que anos antes tinha visitado com a Tuna Académica de Coimbra. (Saraiva, 2011: 72)

O biógrafo cita também palavras do Autor de *Desnudez Uivante* em entrevista a Fernando Assis Pacheco para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 27 de fevereiro de 1983:

A centralização de poderes, os monopólios da indústria (açúcar, tabaco, borracha), os do melhor comércio (importação de automóveis), o grande capital banqueiro, tudo isto com a sigla inglesa, os grandes senhores absentistas (a terra em regime de colonato), afoito-me a dizer: tanta humilhação não desapareceria facilmente. A ilha despovoou-se,

emigra. No termo da guerra, vi o caudal impressionante de madeirenses encher os porões de negros barcos com destino ao Curaçau, Venezuela... Pós-guerra, emigração. Desafortunado país! A precariedade uivante em que o povo madeirense se encontrava era para nós, continentais, não somente confrangedora, mas por vezes dolorosa. (Reflecti no romance ‘surpresas’ humanas de autêntico jugo escravo.) Carregos de quadrúpede sobre o dorso de mulheres jovens; bordadeiras raquíticas com dezoito horas de trabalho diário; alimentação fundamental, na generalidade, de papas de milho africano esquartejadas comidas pelo dia adiante, sem interrupção de tarefas; analfabetismo pavoroso, isolamento (...). (*apud* Saraiva, 2011: 75)

Este autobiografismo é comprovado por novos textos dados à estampa. “O Cabo Elísio”, opúsculo revelado em 2002 (Silva, 2002: 731-746) e assumido por Marmelo e Silva como autobiográfico, a que a lei da morte deu o carácter de obra incompleta,³ parece mostrar que nesse texto talvez o Autor tenha querido esgotar o cálice do fel não completamente vertido em *Desnudez Uivante*: há paralelismos flagrantes de espaços, de caracterização de alguns militares e, para o que aqui mais importa, a similar contratação de “mulheres de porta aberta” por “oficiais subalternos do Comando”, com “esposas no Continente” e que “viviam com elas em casebres independentes, como maridos”, sendo o seu sustento pago às custas “da messe” (Silva, 2002: 739). *Desnudez Uivante* afigura-se, portanto, como a denúncia projectada num *alter ego* do Autor – o narrador

3 Ainda que *Desnudez Uivante* tenha sido o último texto publicado em vida pelo escritor beirão, a *Obra Completa de José Marmelo e Silva. Não Aceitei a Ortodoxia*, editado por Maria de Fátima Marinho, revelou um opúsculo inédito (cf. Silva, 2002: 731-746), “O Cabo Elísio”, de que foi publicado um pequeno excerto em 1989 no n.º 15 do *Letras e Letras*, segundo nota editorial. Marmelo e Silva estaria, pois, a conceber uma nova publicação.

autodiegético – de uma série de opressões ocorridas sobretudo (mas não só) em clave feminina na Madeira estado-novista presenciada por Marmelo e Silva (Vieira, 2008a: 111-112). Logo, Marmelo e Silva é aqui um “autor implicado” (Reis, 2018: 41), pelas coincidências patentes entre aspectos da vida do Autor, que fora alferes na Madeira, e do narrador-protagonista, alferes Luís Jordão, seu *alter ego*, pois plasmadas também nas “posições ideológicas” (Reis, 2018: 42) adoptadas quanto ao fascismo e à subjugação feminina, alvos de abjecção por ambos. As personagens femininas de *Desnudez Uivante convocam*, por conseguinte, “componentes sociais, psicológicos, ideológicos e ético-existenciais” (Reis, 2015: 27), como elucidam as seguintes palavras: “A verdade é que, conforme advogava Hochman, a ‘realidade da personagem na literatura’ (...) envolve temas de incidência crítica que vão dos sentidos simbólicos às visões morais, passando pelas técnicas narrativas que enformam o relato.” (Reis, 2015: 23).

A expressão inglesa *Paradise Lost*, por outro lado, aparece destacada logo no primeiro capítulo, não apenas como alusão à obra miltoniana, mas porque a Madeira não passava, *de facto*, de uma possessão inglesa, como diz Marmelo em *Desnudez Uivante* e em entrevista a Fernando Assis Pacheco. Na trama romanesca, por exemplo, é denunciada a exploração laboral, por vezes até à morte, de meninas e adolescentes no Asilo de Santa Úrsula para satisfazer a indústria dos bordados madeirenses, tão ao gosto dos ingleses. Também a pensão onde trabalham Aninhas e Gracindinha se chama *Eden-Hotel*: em inglês, note-se.

2. O INFERNO DAS PERSONAGENS FEMININAS TOCADAS PELA INSTITUIÇÃO MILITAR

Em *Desnudez uivante*, pode surpreender ao leitor mais incauto a inexistência de soldados desejosos de acções bélicas (Vieira, 2008a: 107),

que, aliás, nunca surgem. Porém, isso sugere, indica Maria Alzira Seixo (2002: 569-570), o “vazio factual do quotidiano de soldados (...) que sentem o ruir do mundo e sem a sua interferência directa”, potenciando uma “paz (podre)” conivente com uma “guerra (ao lado)” (Seixo, 2002: 571). A expressão “paz podre” aparece, aliás, no texto romanesco para caracterizar o Comando daquele Batalhão (Silva, 2002: XXIII, 706). De facto, o major Trindade, que encobre irregularidades praticadas pelos seus homens, apaga-se numa apatia de tal forma patológica que o narrador diz que o comandante “já não vivia. (Tinha deixado de existir.)” (Silva, 2002: XXIII, 706). Além da crítica subtil ao alheamento salazarista face a um conflito onde inúmeras vidas e valores estavam em jogo, subsuma uma outra tese, a da inevitável promiscuidade entre soldados continentais, carentes sexual e emocionalmente pelo isolamento forçado de mulheres e de namoradas – as “fidelíssimas” (Silva, 2002: VII, 615) –, deixadas no Continente, entalados num cinto de castidade pouco consentâneo com os instintos humanos, e um conjunto de mulheres madeirenses, também elas carentes a nível económico e emocional. Assim, em plena II Guerra Mundial, temos na Madeira soldados *voyeurs* de prostitutas, sedutores (e até violadores) de rapariguinhas (e) amantes de madres (cf. Vieira, 2008a: 108). Diz o protagonista a três oficiais amedrontados com a possibilidade de uma severa inspecção vinda do continente:

– (...) A vossa reacção emocional é que se opõe a um juízo correcto. O problema sexual, por exemplo. No continente analisa-se a frio. E não sois vós os culpados. O governo desembarcou nesta ilha dois milhares de gibraltinos ao mesmo tempo que proibia as esposas de oficiais e sargentos de acompanharem os seus maridos. Isto é um plano maquiavélico. A vingança dum homem odioso. Para mais num país de sagrada família. (Silva, 2002: XXII, 704)

A tese é confirmada pela voz de alferes Ravasco, uma personagem em si abjecta:

– Chato é eles não quererem compreender. Isto não é uma situação individual. (...) O que se vive no exército, hoje, é uma realidade cruel extensiva a todos nós. Uma ratoeira à nossa obediência jurada, à nossa boa fé. Dum exército em perpétuo exílio e sem motivo justificado, que pode esperar-se? Chegaste a meio do Inverno e avaliaste a nossa ânsia. “Que fazemos aqui? Que dizem de nós no continente?” Surgem agora os conflitos. Mas seriam menores pelos caminhos de Sodoma? Os tribunais só terão que absolver-nos. Subjugou-nos a necessidade de compensar a frustração. Frustração do combate, frustração do casamento. Diz-me lá, este viver anômalo não gerou em nós um vazio absoluto e a força indomável de vencê-lo? Contorná-lo, iludi-lo, melhor dizendo. (Silva, 2002: XXVI, 722)

Numa sequência de capítulos que não obedece à ordem cronológica dos eventos, os militares saciam primeiro as suas carências em véspera de Carnaval junto da criada “Cinda” (Silva, 2002: V, 604) do Hotel de Heliodoro Bandeira, ou seja, Gracindinha, com quem tem relações apenas o cabo de Lamego, Aurélio Marrucho, seu noivo, personagem lúcida das aberrações existentes naquela Madeira, e que denuncia ao protagonista-narrador os ilícitos praticados no e pelo Batalhão. Embriagados pelo whisky roubado, o cabo Aurélio é arrastado nessa noite de Entrudo por outros cinco cabos, de trato e linguagem bem mais rude, um “gang” constituído pelo “Limpinho”, “Fome de Cão”, “Gorila”, “Pendura” e “Rapa” (cf. Silva, 2002: VI, 606; VIII, 618-627), para a experiência *voyeurista* de assistir, escondido, às cenas sadomasoquistas que oficiais desenvolvem num palacete com as suas “Escravas” (Silva, 2002: VI, 607), assim chamadas por um oficial não identificado envolvido na orgia: escravas

sexuais de todos os apetites destes marqueses de Sade do século XX. Nessa mesma noite, não satisfeitos pelo *voyeurismo*, o *gang* dos cinco cabos faz uma incursão ao Asilo de Santa Úrsula, tendo a manobra sido facilitada pela localização do Asilo “à distância provável de 300 metros” (Silva, 2002: IV, 590) do acantonamento militar, e aí encetam relações sexuais com meninas e adolescentes, o que é descrito no capítulo VIII. Encarregado de investigar a incursão, alferes Luís Jordão é surpreendido pela libido de Madre Yolanda, a diretora do Asilo, que, qual Eva tentadora, mimetiza algumas cenas eróticas que teriam ocorrido e o vai enlaçar numa tórrida relação. A obra cria, pois, a propósito dos militares, uma verdadeira filosofia de alcova que passa por criadas de hotel, prostitutas de luxo, órfãs asiladas e freiras (cf. Seixo, 2002: 570; Vieira, 2014).

Vejam os primeiro o inferno das órfãs asiladas. Alferes Jordão, aquando de uma primeira visita ao envelhecido asilo para apurar as circunstâncias em que ocorreram os eventos, nota a “inesperada ausência de vozes (onde as saudáveis brincadeiras de crianças?)” e a existência, em compensação, de um “portão de ferro” aberto “a medo” (Silva, 2002: IV, 590). Estes elementos indiciam um sistema repressivo de tipo prisional que faria irmanar os espaços da Caserna e do Asilo. Diz, aliás, o narrador-protagonista, recém-chegado ao Batalhão, praticamente no *incipit* da narrativa: “Eram cinco do meu posto e arma e o major, todos incrivelmente suplicantes, pranteando como que uma súbita orfandade.” (Silva, 2002: I, 575. Sublinhado nosso).

Pergunta, inquiridor, alferes Jordão, para tentar perceber as circunstâncias do assalto ao Asilo: “— Como reagiram as vigilantes, as meninas, a senhora D. Yolanda?” (Silva, 2002: IV, 594). E a madre refere-se de forma paternalista a Mestra Perpétua, vigilante de serviço, como simples “pessoa do campo” que, assustadíssima, “não está preparada” (Silva, 2002: V, 595) para recapitular a cena junto de

alferes Jordão. É uma forma artilosa de colocar entraves na auscultação requerida por aquele militar. O alferes depressa se apercebe da heterodoxia de Madre Yolanda quando esta procede à simulação do assédio dos cabos às asiladas, o que depressa conduz os dois a uma cena de sexo em que a “guia” é a freira (cf. Silva, 2002: IV, 595-596).

O capítulo VII expõe aquela instituição religiosa também enquanto espaço de desproteção social. Assim, Aninhas, agora criada no *Eden-Hotel*, mas que fora uma asilada de Santa Úrsula, desvenda a alferes Jordão o desumano trabalho infantil ocorrido no Asilo, em parte mitigado (mas não eliminado) aquando da chegada de Madre Yolanda:

– (...) Doze horas por dia a bordar na cadeirinha!

– Espantoso! No asilo de Santa Úrsula?!

– Aos doze anos, passei a catorze horas, é assim, na ilha. A bordar se nasce, a bordar se morre. (...) Veio depois a Madre Yolanda, deu mais folga. Porque até aí eram mortes umas atrás das outras. Houve um ano em que foram cinco! Madre Yolanda salvou muitas de nós. Voltámos às doze horas, as pequerruchas, às dez. Fazíamos ginástica, levava-nos uma ou outra vez à praia, dava-nos mais comida... Um encanto de senhora. Uma jovem mãe. Os patronos é que são impiedosos.

– Que patronos? Os tios de Madre Yolanda, grandes industriais, ricos. Vinham (e vêm) todas as semanas pelos bordados, tudo era escasso para eles, faziam-nos sermões de estarrecer, as mais novinhas urinavam-se, a outras o coração galopava, ou parava, desmaiavam, havia choros, gritos, pescoços engrossados... Dói-me, só de lembrar!

(...)

– Uma trovoadas de ameaças, que mais valera não termos vindo ao mundo. Que estavam a sustentar-nos, que lhes rapávamos o dinheiro dos bolsos, a caridade tinha limites (*calcule! Eles a engordarem à nossa*

custa.!) que nos punham a pão e água... Milhares de crianças morriam lá fora à espera de vagas da nossa cama-e-mesa. (Silva, 2002: VII, 616-617)

A individualização de Aninhas ocorre, pois, no quadro de uma estratégia autoral de denúncia da exploração capitalista da orfandade, com todo um conjunto ignóbil de maus-tratos físicos e psicológicos dirigidos a crianças. As humilhações e as condições de sobrevivência a que estas órfãs são sujeitas demonstram que a Madeira tinha os seus próprios espaços concentracionários em plena II Guerra Mundial. O início do capítulo XIX confirma-o, pois as meninas são focalizadas pelo narrador como “obreiras do internato” que se sentem “estalar por dentro, com cuspos de sangue” (Silva, 2002: 684), devido ao aumento das encomendas imposto pelo tio de Yolanda.

A insistência em verbos na terceira pessoa do plural, muitas vezes sem sujeito explícito, em proposições como “Dispersaram-se com a galhofa” (Silva, 2002: VIII, 623), e a comparação destas órfãs a vespas “açuladas” (Silva, 2002: VIII, 624) deixam, todavia, a imagem de anonimato generalizado destas personagens femininas, “processo que traduz a perda de individualidade da pessoa institucionalizada” (Vieira, 2008a: 100). Todavia, é possível distinguir categorias etárias nos capítulos VII e VIII de entre as “Trinta e seis crianças” (Silva, 2002: IV, 591) que o Asilo de Santa Úrsula acolhe no presente diagénico. Assim, as “mais novitas” surgem por oposição às “moças”, “mais crescidas” (Silva, 2002: VIII, 621), “adolescentes” (Silva, 2002: VIII, 623), havendo, assim, “pequenas e grandes” (Silva, 2002: VIII, 622) dentro do Asilo.

Portanto, se o capítulo VII expõe o asilo madeirense enquanto espaço de desproteção social, o capítulo VIII vai ainda mais longe, e mostra-nos um espaço de desproteção sexual. Porém, as aspas que ladeiam o designativo “meninas desamparadas” (Silva, 2002: IV, 590) arrastam uma modalização que alerta para o carácter hetero-

doxo destas personagens. A sua descrição etária – uma terá “15, 16 anos” e outra “oito anos” (Silva, 2002: VIII, 621-623) – coloca um problema axiológico (cf. Vieira, 2008b: 345-351) relevante ao leitor: os encontros dos cabos com estas órfãs são de natureza pedófila. E para grande surpresa dos militares (e do leitor), estes encontros são desejados: “Algum dia pensava ver-se cercado de adolescentes, comprimido a ponto de faltar-lhe o ar! Afogado em virgens, – nem em sonhos! Eram nove a um no grupo, retraído mais as afoitava.” (Silva, 2002: VIII, 623). Isto é sobretudo verdade para as afoitas Dorinhas e Zulmira (cf. Silva, 2002: VIII, 623-626; XXIII, 712), acabando esta última por enlaçar noivado com o cabo Pendura, que aquela havia seduzido (cf. a “Mirizu” do capítulo XXIII). Ou seja, em *Desnudez Uivante*, os diálogos expõem uma libertinagem ninfomaníaca “que inverte as posições ortodoxas da relação amorosa, pois que o *senex* não assusta de modo algum a *puella*” (Vieira, 2008a: 100). É certo que o capítulo VIII afasta certas órfãs da órbita simplista da “vitimização” (cf. Vieira, 2008b: 420-427), na lógica marxista do proletariado infantil explorado pelo patronato burguês, dado o pendor ninfomaníaco dessas asiladas. Mas as carências afetivas de algumas órfãs, mesmo uma “novita de oito anos” (Silva, 2002: VIII, 623), que se atira ao cabo Pendura com a mesma desenvoltura com que a adolescente Zulmira excita primeiro o cabo Gorila e depois o Pendura (cf. Silva, 2002: VIII, 624-627), parecem estar na base deste desvio comportamental por parte das asiladas, aproveitado pelos cabos do Batalhão, carentes de sexo. E é evidente que a relação heterodoxa entre cabos e órfãs só é possível devido à permissividade das personagens responsáveis pelo Asilo de Santa Úrsula. Mestra Perpétua revela um comportamento singular, ao facilitar as incursões dos militares, sendo ambígua a sua ingenuidade quanto à natureza do baile concedido como benesse às órfãs em vésperas de Carnaval:

A um sinal do cabo, pé ante pé, o Rapa escapuliu-se, na ideia de prevenir o salão. “Cautela!” – diria. “Vem aí Mestra Perpétua...” E antegozava a atrapalhação formigante, as rápidas mudanças...

Pois sim! Estranhou foi a exemplaridade da conduta. “Hum!, malandrice do Gorila. Safado!” Acabavam de pôr a girar a agulha do fonógrafo e pares de raparigas adiantavam-se, balouçantes, em passos muito comedidos. “Mestra Perpétua vai gostar.” Tornou para trás, deu com ela a conversar serenamente. “Que eram horas de fechar a festa à chave e as meninas regressarem aos lençóis.”

– E nós, militares, aos quartéis – ironizou o cabo de Lamego.

– Só um tempinho mais, Mestra Perpétua, implorou o Rapa.

Conseguiram levantá-la e conduzi-la ao extremo do salão. O cabo não arredou pé, sentou-se ao lado dela e observava-a de revés. Não tardou a boa senhora a obsequiar os presentes: começou por cabecear, no cadeirão de vime, tranquilamente adormeceu. (Silva, 2002: VIII, 625)

Todavia, Madre Yolanda é a freira heterodoxa por excelência deste romance, porque não só é permissiva quanto às iniciações sexuais das meninas do Asilo, em nome de um Amor que idealiza como universalmente erótico (cf. Silva, 2002: IV, 593; VIII, 627; XVIII, 682), mas também porque desenvolve uma tórrida relação com alferes Jordão (cf. *v.g.* Silva, 2002: XII, 642-646; XVIII, 681-684). Sinal da intimidade desenvolvida entre Madre Yolanda e o narrador-protagonista é a alternância ocorrida ao longo da narrativa entre os designativos “Madre Yolanda” e “Yolanda”, mesmo depois de as personagens principais conhecerem a intimidade da alcova. Isto só pode ocorrer porque Marmelo e Silva visa desnudar a hipocrisia das instituições freiráticas, castradoras da mulher, apesar de a sexualidade ser fundamental para a consumação da felicidade – ideia que este e outros romances de Marmelo e Silva enfatizam. Atente-se no seguinte diálogo entre alferes Jordão e Madre Yolanda:

– Pois sim, e depois vais desprezar-me, esquecer-te da pobre de mim. Diz que tudo me perdoas, diz!

– Dói-me o coração de ouvir que tanto sofres – e sem razão. Não te humilhes a tal ponto, Yolanda. Não há muitas horas te dei provas de que não tens culpa perante mim. O meu desejo é libertar-te. Trazes esses fantasmas contigo... Varrê-los sem piedade e sem demora – será para ti um alívio inestimável. Crente que és, pensas entrar com eles na mansão celeste? E se eu te disser que são ainda os terrores do inferno das freiras de Lisboa? De tanto vos massacrarem com pecados mortais e vinganças divinas, lançam-vos no inferno para o resto da vida. (Silva, 2002: XVIII, 683)

Ou seja, Madre Yolanda, apesar de viver êxtases orgiásticos com alferes Jordão, donde as alusões a Santa Teresa de Ávila, vive o inferno íntimo da culpa do amor carnal a conduzir ao inferno escatológico devido à sua condição de freira. E alferes Jordão, *alter ego* do Autor, sabe o quanto a severa educação católica, que recebera no Seminário Menor do Fundão, inculcava esses sentimentos castradores de uma sexualidade realizadora para o ser humano (cf. Saraiva, 2011: 16-19).

Passemos agora ao inferno vivido pelas prostitutas dos oficiais do Comando do Batalhão I. Na leitura dos autos de averiguação fornecidos ao narrador-protagonista, os alferes Ravasco, Benjamim e Falcão Nobre formam um grupo ignóbil de “oficiais com hábitos de conúbio (...) que logo usufruíram coabitações soberbas (...) aconchegadas, com ordenação em delta, servidas por praceta comum.” (Silva, 2002: V, 590) e com despesas custeadas pela messe dos oficiais. Estes “srs. oficiais da Praceta”, “rapazes” que se “julgaram (...) únicos numa estrada larga” (Silva, 2002: XVII, 676), na focalização do dono do Bar Bandeira, não menos ignóbil, porém, para com as suas empregadas Aninhas e Gracindinha, praticam, “uma

filosofia de alcova mais brutal” (Vieira, 2008a: 112) do que a encetada entre a Caserna e o Asilo freirático, porque de pendor sadomasoquista. Estas prostitutas são “as putas, cadelas”, “alugadas no piorio do calhau”, “as chocas” (Silva, 2002: V, 597), as “fêmeas da praceta”, as “escorralhas”, as “Escravas” (Silva, 2002: VI, 605-607), as “chocas do piorio” (Silva, 2002: XVII, 676-677), “brasas”, “Diplomadas na Faculdade do sexo” (Silva, 2002: XIX, 686), em diferentes vozes masculinas, sendo uma delas individualizada sob a designação de “prostituta” (Silva, 2002: XVII, 678), “barregã” (Silva, 2002: XX, 697) e ainda “delambida” (Silva, 2002: XXVI, 722). Uma das orgias sadomasoquistas ensaiadas pelos alferes em questão e visionada clandestinamente pelo “gang” dos cabos (cf. Silva, 2002: VI, 607-609) é descrita ao estilo dos romances *A Filosofia na Alcova* ou *Os Cento e Vinte Dias de Sodoma*, de Marquês de Sade. O adultério acentua a irregularidade de tal situação na vida de caserna. Também o capitão Santalúcia leva a sua “cachopa ribatejana” (Silva, 2002: XXIII, 706) para um palacete, o que é caricato pelo facto de esse oficial ter substituído o major Trindade no comando do Batalhão para debelar tais irregularidades.

A clandestinidade em que as prostitutas vivem está indiciada quer na limitada focalização de que são alvo aquando da surtida *voyeurista* feita pelo “gang” de cabos, quer na não revelação dos seus nomes. O narrador mostra, todavia, um discurso axiologicamente dúbio face a estas personagens, pois tanto as expõe como elementos de um esquema que corrói por dentro a honradez e a reputação que a tropa deveria ter, como denuncia as carências económicas e afectivas das prostitutas: o narrador refere-se-lhes por expressões como “as pobres mulheres” ou “as donas de casa da Praceta” (Silva, 2002: XXIII, 706). Uma delas, a prostituta de Ravasco, é inclusivamente focada como vítima por duas vezes de maus-tratos quando grávida, querendo o militar com isso provocar o aborto (cf. Silva, 2002: XVII,

677-678). Para cúmulo, terá havido uma escabrosa e vingativa violação da filha daquela por parte de Ravasco, sendo esta uma criança indefesa que pedia pelas ruas, “suja de fome” (Silva, 2002: XVII, 677). A inacção da justiça para reparar tais crimes (cf. Silva, 2002: XVII, 678-681) acentua a denúncia do Autor relativamente à prepotência militar.

As prostitutas de luxo em *Desnudez uivante* vivem, pois, um inferno numa gaiola dourada. Alferes Jordão acaba, assim, por fazer aquilo que Serafina Martins (2006: 40) qualifica de “enfrentamento da autoridade”, militar, neste caso, porque “protagonista de um desajuste entre a heterodoxia das construções interiores e a ortodoxia das imposições colectivas” (Martins, 2006: 32).

Existe um terceiro inferno, o vivido pelas empregadas Aninhas e Gracindinha do *Eden-Hotel*, que, ainda adolescentes, são obrigadas a sujeitarem-se às sevícias do patrão, Heliodoro Bandeira, como denuncia em carta o cabo Aurélio de Lamego:

Namoro, melhor dizendo, estou noivo há onze meses de uma das suas empregadas, embora de menor idade. Desde então, praticamente, faço amor com ela (são apenas duas) usando preservativos, sem que o patrão suspeite. Este velhacão (ou velho cão) corrupto dorme com ambas na mesma cama, à viva força pelo que diz respeito à Gracindinha, a quem ameaça de revólver (que tem sempre na mesinha de cabeceira) e sujeitando-se humildemente aos caprichos hediondos dele a Aninhas, que por esse facto se farta de abortar. (Silva, 2002: V, 603)

O inferno da violação e do aborto provocado é vivido, pois, num quadro de exploração simultaneamente laboral e sexual, fazendo destas duas personagens femininas “Evas de um paraíso perdido”, como as define metaforicamente o narrador-protagonista. Porém, estas Evas serão tentadas a terem relações (consentidas, é certo)

quase de seguida pelo alferes Jordão, sendo que Gracinda é em pleno acto sexual uma “loba enraivada” (Silva, 2002: XXI, 700), enquanto Aninhas é mais “mansa e inocente” (Silva, 2002: XXI, 702), na focalização do narrador-protagonista. Ora, Gracindinha não pode ser vista apenas como vítima deste inferno que é, na realidade, o *Éden-Hotel* no planalto madeirense, já que ela é a loba calculista que vê no casamento com um militar a fuga daquela vida. Por isso aposta numa relação com o cabo de Lamego, mas quando este é transferido da Madeira, passa a seduzir alferes Jordão (cf. Silva, 2002: XV, 664-668). As lições de contracepção dadas por alferes Jordão a Gracinda, que se mostra rápida a assimilar as informações, significam, na prática, o domínio da sexualidade feminina, isto é, o poder de engravidar ou não consoante os seus desejos, o que é uma libertação do inferno masculino mantido pelo dono da pensão.

Por fim, D. Maria Esmeralda, esposa do capitão Ramiro Alçada, sofre um inferno vivido em solidão. No único núcleo familiar aparentemente não desestruturado pelo serviço militar, a esposa legítima rivaliza a alcova com uma “outra”, e vinga-se traindo o marido com o alferes Nobre Falcão, embora com desfecho trágico iminente (cf. Silva, 2002: XXVII, 726-729). A mulher de um oficial de mais alta patente vive, pois, na paradisíaca Madeira, o inferno de um casamento de aparências, sabendo-se traída e cultivando um corrosivo desejo de vingança que se vira contra si.

3. CONCLUSÃO

Em suma, *Desnudez Uivante*, de Marmelo e Silva, denuncia, ainda que em clave de fino erotismo, os infernos da exploração laboral e sexual da mulher madeirense em diversas faixas etárias, ao tempo da ditadura salazarista e da II Guerra Mundial, num espaço que poderia ser um Paraíso terreal, não fosse a crueza humana, mormente masculina. E os infernos podem ser mantidos por força da ignorân-

cia, da miséria, de crenças religiosas ou da vontade de preservar as aparências familiares. Se Salazar conduz, por via de um isolamento castrador, militares a desvios que traumatizam toda uma série de personagens femininas, não é menos verdade que uma guerra mundial, ordenada por outros homens, dita infernos não menos cruéis fora da Madeira. E que também os militares não oficiais do Batalhão I vivem o inferno de um serviço militar de condições miserabilistas. *Paradise Lost*, por conseguinte.

REFERÊNCIAS

- MARTINS, Serafina (2006). “José Marmelo e Silva – Autoridade e Utopia”, in Ernesto Rodrigues (ed.), *Leituras de José Marmelo e Silva*. Lisboa: Centro de Estudos José Marmelo e Silva. 31-44.
- PADRÃO, Maria da Glória (2006). “Desnudez Uivante: manifesto abjeccionista”, in Ernesto Rodrigues (org.), *Leituras de José Marmelo e Silva*. Espinho: Centro de Estudos José Marmelo e Silva. 69-73.
- REIS, Carlos (2015). *Pessoas de livro. Estudos sobre a personagem*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- REIS, Carlos (2018). *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Almedina.
- SARAIVA, Arnaldo (2011). *Não escrevo para vender livros. Fotobiografia de José Marmelo e Silva*. Espinho: Centro de Estudos José Marmelo e Silva.
- SEIXO, Maria Alzira (2002). “Desnudez Uivante” [estudo introdutório], in Maria de Fátima Marinho (ed.), *Obra Completa de José Marmelo e Silva – Não Aceitei a Ortodoxia*. Porto: Campo das Letras. 567-571.
- SILVA, José Marmelo e (2002). “Desnudez uivante”, in Maria de Fátima Marinho (ed.), *Obra Completa de José Marmelo e Silva – Não Aceitei a Ortodoxia*. Porto: Campo das Letras. 573-729.
- VIEIRA, Cristina Costa (2008a). “Desnudez Uivante”, in Arnaldo Saraiva (ed.), *O Personagem na obra de José Marmelo e Silva*. Porto: Campo das Letras. 89-119.

VIEIRA, Cristina da Costa (2008b). *A Construção da personagem romanesca. Processos definidores*. Lisboa: Colibri.

VIEIRA, Cristina da Costa (2014). “Do imposto ao exposto, ou a caserna e a alcova em *Desnudez uivante*”, in Arnaldo Saraiva (ed.), *A Sedução da ficção. Atas do Colóquio do centenário do nascimento de José Marmelo e Silva*. Espinho: Centro de Estudos José Marmelo e Silva. 149-151.

